

ANÁLISE SOBRE A IDENTIDADE GOESA

(a partir de um debate travado na Internet)

HERMANO VIANNA

artigo publicado em Territórios da Língua Portuguesa - Anais do IVº Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, IFCS/UFRJ, 1998, pp. 364-370

364

Numa importante mas breve passagem de O processo civilizador, Norbert Elias divide as nações européias em dois tipos: aquelas para as quais a identidade deixou de ser uma questão relevante ou preocupante (como a França e a Inglaterra) e as outras que têm que lidar quase que diariamente com a pergunta "quem somos nós?" (como a Alemanha, cujo povo -segundo Elias - não se cansa de perguntar: "o que é realmente alemão?" - Elias, 1978: 6) Eduardo Lourenço, talvez o mais importante pensador a lidar com a questão da identidade lusitana, não parece ter nenhuma dúvida sobre em qual grupo enquadrar os portugueses. São suas palavras: "Portugal, o de ontem e ainda mais o de hoje, não teve nunca, nem tem, propriamente problemas de identidade. [...] Todos os portugueses são, ou se sentem, por assim dizer 'hiperportugueses'" (Lourenço, 1988: 19).

Confesso a minha total surpresa ao ler essa declaração de Eduardo Lourenço, publicada em Nós e a Europa. Acostumado ao complexo debate sobre a identidade nacional brasileira, que atravessa toda a história de nossas ciências sociais com as mais diversas posições beligerantes, comecei a ler esse livro na esperança de descobrir as "raízes" lusitanas desse nosso "problema". Eduardo Lourenço, sutilmente, me mandava procurar conforto em outra freguesia. Foi o que fiz: passei a tentar estabelecer comparações mais amigáveis com nacionalidades e territórios que também foram colonizados por portugueses, esperando encontrar "crises de identidade" semelhantes à brasileira. Talvez a energia consumida pela segurança da identidade do colonizador não tenha deixado espaço para a invenção de uma identidade vigorosa entre os ex-colonizados.

Foi assim que acabei assinando a Goa-Net, uma lista de discussão, ou mailing list, da Internet - a rede mundial de computadores - dedicada a assuntos relacionados com Goa e a cultura goesa. Talvez seja importante explicar, para quem ainda é leigo em matéria de globalização informacional eletrônica, o que vem a ser uma mailing list. Trata-se de um programa de computador que redistribui, para todos seus assinantes, as mensagens mandadas para um endereço eletrônico pré-estabelecido. As assinaturas são feitas através de mensagens eletrônicas enviadas para o endereço administrativo da lista.

Há listas de todos os tipos na Internet, discutindo uma infinidade de assuntos. Praticamente qualquer pessoa, tendo acesso à rede através de um computador, pode criar sua lista para trocar idéias, em escala planetária, sobre as questões de sua preferência. A lista Goa-Net foi criada em 17 de Setembro de 1994 (portanto vai completar dois anos na próxima semana), e caracteriza-se por ser aberta e não-moderada. Aberta

365

é uma lista que pode ser assinada por qualquer tipo de pessoa - a assinatura é automática e imediata - que tenha interesse no assunto ali discutido. Não-moderada é uma lista que não estabelece nenhum tipo de triagem para as mensagens que serão distribuídas para todos seus assinantes.

Mesmo permitindo a participação de qualquer interessado em questões goesas (como é o meu caso), os participantes da Goa-Net são em sua grande maioria pessoas que nasceram em Goa ou

descendentes de pessoas que nasceram em Goa e que hoje vivem espalhados em todo o mundo. (Outro dado importante: a maioria dos assinantes da Goa-Net tem endereços eletrônicos fornecidos por universidades ou entidades educacionais.)

A Goa-Net é apenas uma das dezenas de listas que já assinei. Minhas assinaturas geralmente não duram muito. O que me fez permanecer interessado na lista goesa foi uma mensagem, enviada uma semana depois do início da minha assinatura (para ser mais preciso: a mensagem leva a data de 14 de Dezembro de 1995), que desencadeou um dos debates mais interessantes e ricos, ainda não terminado, que já vi ser travado na Internet. Um de meus companheiros de lista chegou a declarar empolgado: "Que debate fascinante! Parece o Julgamento de O. J. Simpson!"

A mensagem que deu início ao bate-boca eletrônico tinha um texto curto: "Nós tivemos um palhaço goês em Toronto que apareceu na TV e disse que os goeses têm ascendência portuguesa. Causou furor aqui. Os líderes da GOA em Toronto se encontraram na situação de ter que explicar repetidas vezes o que havia sido dito." Essas poucas palavras foram suficientes para produzir um enxurrada de respostas. Tenho gravadas em meu computador 230 dessas respostas, todas elas lidando com o problema da identidade goesa e muitas delas propondo definições divergentes para essa identidade.

O que posso falar aqui hoje é somente o início da análise desse rico material. Quis ter algumas perguntas em mente ao iniciar essa análise. São elas: a colonização portuguesa teve como consequência, tanto para brasileiros como para goeses, uma maneira peculiar de lidar com ou interpretar a questão da identidade e da relação do "nós" (nacional ou não, pois Goa não é uma nação) com o Outro, com povos diferentes, ou com os grupos étnicos diferentes que estão incluídos no "nós"? Qual é essa peculiaridade (se ela existe) e quando a lusitanidade é usada para explicá-la? A análise da troca eletrônica dos goeses da Internet, talvez por ser aparentemente tão "distante", pode iluminar alguns aspectos importantes do problema da identidade no mundo luso-afro-brasileiro?

As aproximações com o debate eletrônico goês são, aparentemente, forçadas. Os problemas começam logo com a questão da linguagem. O tema deste congresso, Territórios da Língua Portuguesa, precisa ser relativizado para permitir qualquer tipo de reflexão sobre a cultura goesa contemporânea. O debate sobre identidade goesa que será aqui analisado foi travado em inglês, a língua "oficial" da Goa-Net. Nessa lista, as mensagens em português são raríssimas e a maioria dos participantes não domina mais a língua do ex-colonizador, apesar de manter o sobrenome lusitano - entre eles: Almeida; Fernandes; Mello; Menezes; Barreto; Mendes; Mascarenhas. É importante fazer um resumo, muito breve, da história de Goa para entender como pessoas

366

que são ligadas a um território - hoje estado da Índia - que era português até 1961 "esqueceram" tão rapidamente um idioma por séculos oficial.

Em 1510, Afonso de Albuquerque capturou a cidade de Goa de seu governador islâmico Yusuf Adib Shah, dando início a um período de 460 anos de presença portuguesa no litoral oeste do subcontinente indiano. A longevidade da colonização lusitana produziu vários fenômenos interessantes. Por exemplo: a Igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, em Goa, é mais antiga que o Taj Mahal. Há também o caso de uma seita hindu que faz oferendas para a Virgem Maria durante a Páscoa. Mesmo assim, como em Macau, a mestiçagem entre colonizadores e colonizados não teve a mesma abrangência da que aconteceu no Brasil. Os sobrenomes portugueses foram transmitidos principalmente por batismo católico: eles não significam, na maioria dos casos, que há um antepassado lusitano na família. E apesar da conversão religiosa os católicos mantêm uma forte adesão ao sistema de castas.

Com as reformas do Marquês de Pombal, Goa passou a ser uma "província do além-mar". Antes disso, essa possessão portuguesa foi ocupada por tropas britânicas anti-Napoleão, o que motivou uma grande emigração de goeses para a então África Inglesa. Os descendentes desses primeiros imigrantes goeses mantêm até hoje laços com Goa, mesmo tendo adotado o idioma inglês há mais de um século e meio. Alguns deles participaram ativamente do debate sobre a identidade goesa na Internet.

Hoje, depois de 35 anos de sua transformação em estado indiano, a maioria da população de Goa (um total de 1.271.379 habitantes, segundo o censo de 1991, isso junto com Damão e Diu) é hindu e não possui sobrenome lusitano. O último jornal publicado na língua do ex-colonizador foi fechado em 1983. Apenas 500 crianças estudam português nas escolas (apesar do português ser ainda uma língua oficial no sistema judiciário e das famílias ricas ainda falarem português em casa). O inglês é uma das línguas oficiais e há um movimento cultural para transformar o concani na "linguagem de nossos ancestrais" (como quer o frade Antônio Pereira, muito popular em Goa, que mandou uma mensagem para a Internet dizendo: "Eu abençoo a Goa-Net, seus fundadores e assinantes. Que São Francisco Xavier os mantenha juntos e dê-lhes saúde de corpo e espírito.")

O afastamento da cultura lusitana não impede que os goeses continuem a ter uma imagem de "diferentes" dentro da nação indiana. Segundo uma matéria publicada em jornal local e retransmitida em Goa-Net, os goeses são vistos pelos outros indianos como "menos conscientes de distinções sociais", além de serem tachados de "susegados", assim mesmo em português errado, e de gostarem de futebol - quando o resto da Índia prefere o cricket. Um assistente social de Paijim, cidade de Goa, entrevistado por essa matéria, tocou num ponto que sempre volta à tona, cada vez mais polemicamente, em discussões sobre a colonização portuguesa: "A exclusividade britânica reforçou hierarquias. Os portugueses eram mais informais e 'easy-going'. Não havia clubes só para europeus aqui."

Para finalizar essa introdução, devemos ainda dizer que hoje há imigrantes goeses vivendo em Zanzibar, Quênia, Uganda, Myanmar, Moçambique, Bombaim, Calcutá, Karachi, EUA, Reino Unido, Canadá, Austrália, Portugal, Alemanha e até mesmo

367

Brasil. A Goa-Net já se transformou num dos principais canais de comunicação (ainda que para uma elite universitária) dentro dessa diáspora.

Classifiquei os assuntos tratados nas mensagens da Goa-Net em cinco tópicos: a questão da identidade em geral e da identidade indiana (pois a posição mais comum - ou mais forte - no debate era a que dizia que os goeses são apenas indianos) em particular; a questão das diferenças dentro da própria Índia, entre os goeses e os outros grupos étnicos; as várias definições propostas para a identidade goesa; as histórias de vida dos participantes do debate; as relações entre Goa e Portugal. Não vai dar tempo aqui de fazer os comentários necessários para se ter uma idéia da relevância de todos esses tópicos. Quero apenas falar, em caráter muito introdutório, sobre os problemas, levantados em cada um desses tópicos, que mais têm a ver com o tema deste Congresso.

O debate sobre a noção de identidade atingiu níveis muito sofisticados, lançando mão até mesmo de citações de Foucault e Derrida e de críticas às noções mais difundidas de globalização e pós-modernismo. Como já disse, a posição forte dentro do debate, aquela que no início se contrapôs, em várias mensagens, à idéia de um goês-português, era a que afirmava que os goeses são antes de tudo indianos. Logo apareceu um 'goa-netter' para perguntar: mas afinal de contas, o que é ser indiano? As respostas foram das mais variadas e quase sempre desembocavam em outras perguntas, cada vez

mais abstratas. A Índia seria apenas um fator geográfico ou político. Por exemplo: o estado indiano é uma criação política recente (de 1947), portanto quem saiu de Goa nos anos 30 ou 40 não pode ter nenhum laço com uma entidade que não existia nessa época.

Outros debatedores citaram as raízes históricas comuns e milenares das várias etnias que hoje habitam a Índia. Os argumentos ficaram mais complexos: a maior parte dos goeses descenderia de arianos que vieram de alguma parte do Cáucaso em várias levas, de antes de Cristo ao século XIII e XIV. A referência ariana não satisfaz a todos: não restariam arianos puros na Índia, e sim vários graus de mestiçagens entre arianos e dravidianos (e uma outra mensagem dizia: "não vou dizer que sou da África só para concordar com a teoria da evolução"). O debate seguiu esse caminho até chegar a declarações como essas: "a definição de identidade depende da intenção de quem a escolhe, e de como vai aplicá-la"; "identidade é apenas manter vivas nossas raízes na memória"; "identidade é como você prefere chamar a si próprio e aos outros - dada a situação em que se encontra".

Mesmo com essa crítica ao conceito de identidade como pano de fundo, vários debatedores continuaram propondo definições para identificar quem é goês. A primeira definição mais clara que apareceu foi a seguinte: o goês ou nasceu em Goa; ou tem pais goeses; ou os avós paternos são goeses. Logo uma voz feminista se levantou contra o último ponto: por que não avós maternos? Então surgiu outra definição: o goês é aquele tem antepassados que moraram em Goa e que é consciente dessa conexão e valoriza essa conexão. Algumas pessoas tentaram por fim ao debate com definições curtas e simplistas: um goês é um pessoa "from" Goa. O autor dessa definição acrescentou: mesmo os hippies que moram há décadas em Goa são goeses, se eles

368

quiserem ser goeses, se eles consideram que Goa é seu lar, e isso basta. Essa colocação logo provocou uma resposta: e aquelas pessoas que nasceram na África e agora vivem no Canadá e que sabem falar concani e se consideram goeses? Proposta de ampliação da definição: um goês é alguém que se chama goês baseado em alguma laço com Goa. Nova resposta insatisfeita: quem é cidadão indiano e tem mais laços com a cultura norte-americana, pode ser considerado americano? Definição irônica: um goês é uma pessoa que tem interesse naquela área geográfica do mundo (e a cultura associada com ela) não sendo importante como esse interesse foi gerado!

Uma cientista social, que atualmente escreve sua dissertação de mestrado intitulada "Percepções de Identidade entre Goezes, Indianos do Leste e Mangaloreanos em Melbourne, Austrália", tentou dar novo rumo à discussão: os goeses da Austrália não formam um grupo homogêneo: uns querem ser vistos como portugueses, outros não; e essas identidades estão relacionadas também com as diferentes levas de imigrantes que lá aportaram. Comentando essas definições desconstruídas, outro debatedor mostrou todo seu desespero com o andamento da discussão: identidade não é isso, ou aquilo; há muitas definições: goês só português; goês só indiano; goês misturado; goês nem um nem outro. E ponto final. Mas ninguém quis terminar o debate. E voltou-se a considerar a possibilidade de aceitar a legitimidade (tudo em prol do pluralismo das opiniões) dos argumentos de "palhaços" goeses que acham que o goês é um indiano-português.

Mas o que pensam os goeses de Portugal? Uma goa-netter tentou radicalizar o debate: Portugal é uma "small nation": pobre, baixo nível de vida - Lisboa é uma cidade suja e fedorenta. Um português que participava da lista (porque sua mulher iria participar de um congresso médico em Goa) retrucou: "Lisboa é uma bela cidade - e olha que sou do Porto! - gostar dela não significa trair sua origem indiana." Esse mesmo português já tinha se identificado com o debate goês, contrariando a certeza de Eduardo Lourenço (citada no início desta minha fala), com as seguintes palavras: "nós também discutimos identidade em Portugal, pois somos um país misturado, no qual

ninguém tem certeza da cor da pele dos antepassados." E acrescentava, como um bom lusotropicalista: "Graças a Deus!"

Várias perguntas lançadas no debate ficaram sem respostas. Algumas delas são semelhantes a discussões que também encantam aos brasileiros: e se tivéssemos sido colonizados pelos ingleses, o que seria diferente? Esse tipo de pergunta lembrou aos debatedores que a valorização de determinadas noções de identidade está relacionada com a história social dos grupos que as adotam ou valorizam. A maior parte dos debatedores fez questão de levantar também aspectos de suas histórias pessoais de vida para exemplificar suas dúvidas e problemas com a questão da identidade. Considero essas narrativas os momentos mais ricos de todo esse debate. Vou apenas resumir algumas delas buscando não concluir, mas dar outros significados, mais "concretos", ao que foi dito até agora.

O debatedor 1 só tem amigos hindus. Seu pai é indiano do leste, sua mãe é goesa. Fala inglês, mahathi, português e "infelizmente" não muito concani. Gosta de música indiana e rock, mas só quando chegou nos Estados Unidos ficou consciente de que esse é um gosto dicotômico. Às vezes adora bife, às vezes adora galinha tandoori.

369

Acompanha o campeonato de cricket, de futebol americano e torce pelo Brasil na copa de soccer.

O debatedor 2 nunca viveu em Goa. Fala várias línguas indianas, mas não concani. É consciente do "peso" de ter um nome cristão. Gosta de Star TV, jazz e clássico. Odeia comida vegetariana. Sente-se em casa em Milwaukee, mas sabe que nunca vai "pertencer" a esse lugar. Pergunta-se sempre se seus sentimentos são representativos da comunidade de goeses.

O debatedor 3 nasceu e cresceu em Goa. Diz que é 100% goês, mesmo sem falar concani fluentemente. Ama Goa, a comida, o cheiro do sol, o gosto da areia no seu sorpotel na praia, caju no verão quente, os amigos, a chuva nas monções, o cheiro de manga no chão.

O debatedor 4, o português, mora no Porto. Tem família no Brasil, em Angola (30 primos, mestiços) e na China (também mestiços).

O debatedor 5 tem orgulho de ser indiano, goês, canadense. Nasceu na África, sob governo britânico. Cresceu em Goa. Não se considera nem britânico, nem africano. Os pais serviram ao governo português. Os avós também. Falam português até hoje. Mas nenhum estrangeiro casou com a família. "Não somos portugueses, falamos português. Concani é nossa linguagem nativa."

O debatedor 6 nasceu em Goa, em 1935. É jornalista. Morou em Bombaim, nos Estados Unidos, no Canadá. É também professor, ensina inglês numa escola católica. É casado com uma canadense de origem italiana. Considera-se goês de Goa. Acha estranho que um africano que nunca foi a Goa também se considere goês. Mas aceita.

O debatedor 7 estudou na escola São Francisco Xavier, em Calcutá. Foi ridicularizado pelas outras crianças da sua turma, queria ter nascido hindu. Os goeses eram considerados "bad kids", sabiam mais sobre sexo. Quando entrou para a pós-graduação descobriu que os outros indianos consideravam uma surpresa ver um católico atingir tal posição acadêmica. A Índia só lhe insultou. É goês e nada mais.

O debatedor 8 gosta de citar o livro *Orientalismo* de Edward Said. Tem 27 anos. Morou em 6 países, estudou em 4, tem 2 passaportes e deu entrada no pedido do terceiro. Quando se olha no

espelho, não tem dúvida: é indiano.

O debatedor 9 acha que a identidade não é uma questão apenas goesa, é global. Seu caso pessoal é um exemplo: tunisiano, muçulmano, vive na Suécia desde 1968 e é casado com uma finlandesa protestante. Visitou Goa em dezembro de 1995, amou, entrou para Goa-Net.

A debatedora 10 é goesa do Paquistão, isto é, é paquistanesa. Torce pelo time de cricket do Paquistão contra a Índia. Diz que há vários jogadores goeses jogando em times paquistaneses.

A debatedora 11 falava português e concani em casa. Na escola foi obrigada a aprender inglês e hindi. Agora, morando nos Estados Unidos, fala mais português, pois tem vários amigos brasileiros.

Poderia passar várias horas contando essas pequenas histórias. Elas são para mim koans (como no Zen) de nossa vida globalizada. Confesso que não sei como concluir essa fala. As perguntas que coloquei no início parecem perder o sentido diante de representações tão complexas sobre uma contemporaneidade que já tornou popular, e

370

matéria-prima de nossas vidas cotidianas, os mais esotéricos debates conceituais da antropologia dita pós-moderna. Mesmo mantendo sua perspectiva acadêmica, o pensamento social brasileiro também tem quase um século de enfrentamento intenso com a questão da identidade, podendo talvez dar substância teórica e complexificar ainda mais as dúvidas existenciais-culturais da diáspora goesa (e os goeses podem dar lições aos brasileiros que começam a produzir sua diáspora verde-amarela). O que tudo isso tem a ver com a colonização portuguesa? Corro o risco de estar redondamente enganado, mas não resisto em lançar uma provocação: a tragédia lusitana nos ensinou a ter a sensação de estar em casa em toda situação onde não há identidade, ou onde há identidades demais.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Elias, Norbert, 1978. *The Civilizing Process*. New York, Urizen.

Lourenço, Eduardo. 1988. *Nós e a Europa*. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda.